

Tens um cigarro, ou dois? Tá bom, atão não... que eles me tiveram engaiolado durante dezasseis dias, tás a ver, dezasseis dias, e depois, a meio da noite, sem mais nem menos, prà rua e arranja-te. Não tenho dinheiro para o autocarro, nem um tusto no bolso, nada de nada, nem sequer um avião privado. Porra, tou completamente a zero. Não tenho cartão Visa, nem dólares, nem cigarros, nem sequer me deixaram o saca-rolhas. Tiraram-me tudo, tás a ver. Naifa, alfinete-de-ama, cigarros, foi-se tudo. Eu cago para isso, mas até o carimbo me tiraram, porra. O carimbo era o que eu gostava mais, caralho, só a trabalhadeira que me deu a fazer. Nove meses andei eu às voltas com aquilo, a merda do tempo todo que tive em Katajanokka, para este filho da puta do chui o pescar do meu bolso e atirar prò lixo. Podes crer que quase que me parava o coração. E mal o carimbo foi parar ali dentro, lá veio a mulher-a-dias e despachou-o sei lá pra

onde. Isto foi a experiência mais deprimente da minha vida: nove meses de trabalho para ir tudo para o caralho. Foda-se, pá, eles querem acabar comigo. Eles acabam comigo e eu não faço mal a ninguém, nem sequer a um bicho. Dezasseis dias e noites engaiolado, assim, sem processo, só porque consegui qualquer coisa na vida. O carimbo era o maior, perfeito — tás a ver o que eu quero dizer? Digo-te outra vez, para escreveres: perfeito. Uma obra de arte. O. K., acabou, está acabado. Cagava nos dezasseis dias e noites, se eles me dessem o carimbo outra vez.

Acabou-se. Tiraram-me o que eu mais gostava, a minha mulher, a minha amante, castraram-me, foi o que foi. Agora tou aqui no posto de Pasila, e caralho que me foda se me vou embora antes destes cabrões me darem o carimbo. Volto pra puta da prisa e fodo-lhes o juízo, e então é guerra, faço-lhes esperas até me darem o carimbo, nem que o tenham de ir buscar à lixeira, estou-me bem cagando. Amarro-me ao aquecimento central até eles pedirem de joelhos para me darem o carimbo, e se o meu original, a minha obra de arte, estiver estragada, então têm de me ir buscar um novo ao médico. Se calhar, pensam que eu desisto, mas não desisto nada. O carimbo é o mais precioso que eu tenho. Um gajo não desiste disso, eu pelo menos não, nem que eles me matem à porrada. That's my posichon, tás a ver. Amarro-me com um ganda cadeado ao aquecimento central e ponho-me a berrar "Qué do carimbo?". Depois telefono à imprensa toda de Helsínquia, isso já dá pra haver gandas títulos nas primeiras páginas dos jornais, a falar da minha guerra contra a filha da puta da bófia de Pasila. Caralho que me foda se eu não lhes mostro o qué que a gente tem cá dentro, que sabemos lutar por uma causa enquanto tivermos ar nos pulmões. Eu não ando praí a chupar os caralhos dos outros, eu ganho a minha vida. E sei amar, porra, que eles não sabem como

eu amo o meu carimbo, não sabem, porque nem sequer conhecem a palavra amor. Foda-se, o que eu passei com o carimbo nem eles fazem ideia.  s vezes t vamos na pior, outras t vamos nices como eles não sabem estar aqui na Finlândia. Nos States não tivemos l  muito bacanas, nos sixtis, mas aqui, nunca. E agora estou sozinho, e sem o carimbo não sei viver, merda. Dou cabo do primeiro filho da puta que me aparecer   frente, e a culpa   dos cabr es que me tiraram o carimbo. Compro uma caçadeira de canos cortados e arrebento com a carola   estátua do Runeberg, vingo-me por tudo. Maldito carimbo, tou perdido sem ele. Vou bater as botas na puta da colina da puta da esquadra de Pasila. Vou morrer e, com as últimas forças, digo baixinho a palavra mais linda do mundo. Gravei-a no meu carimbo, e foi ela que me ajudou a continuar nesta merda: Valium. E digo baixinho as palavras mágicas: "Dr. K. Vesterinnen, Centro Médico de Mannerheimintie." Mil e uma receitas perfeitamente falsificadas, s  pr o meu consumo. Valium, amigo, que enfeitiça o mundo, por uma de mil pertences-me a mim e eu pertenço-te a ti, e a mais ninguém.

No sábado de manhã fui às compras e até levei comigo um saco cheio de garrafas de cerveja vazias. Fui à loja, enchi o saco de garrafas cheias, deixei as vazias e paguei normalmente na caixa. Estava um calor do catano, e eu queria ir logo para casa, mas, não sei como foi, de repente apareceu-me pela frente a cabina telefónica que costuma estar ao pé do campo de futebol, ... onde ela costuma estar sempre, e então eu entrei e chamei um táxi. Nem tinha percebido muito bem o que é que se estava a passar, já tava eu dentro do táxi a dizer ao motorista pra me levar para o centro. Não sei o que me estava a acontecer, mas de repente estava no bar já na sexta cerveja e apeteceu-me foder. Fui à mesa ao lado e levei uma gaja comigo, que estava para lá sentada. Ela de certeza que ainda não tinha vinte anos, uma com uma boca grande e um cu duro. Pegámos no meu saco com as cervejas e apanhámos o autocarro para a casa dela. Ela vivia

numa casa baixa, e tinha os pais na casa de férias. Bebemos umas cervejas durante um bocado, depois fodemos e no fim voltámos para o bar. De lá saí com os meus amigos e tal, mas a gaja deixou de estar connosco, desapareceu logo na primeira noite, acho eu, não sei pra onde. Até terça-feira o Mauno, o Veli e eu estivemos a beber. E na quarta-feira de manhã fomos ao Musta Pannu e bebemos cerveja para ajudar a ressaca, e aí chegou a mulher do Veli e quis a toda a força que eu fosse com ela. O Veli e o Mauno já tinham começado com a vodca e não tinham topado nada da conversa, mas eu disse que não. “Não quero confusões com as mulheres dos meus amigos”, disse eu. E ela: Tá bom, também não és nada de especial. Aí eu sondei o Veli e o Veli disse: vai lá, a gaja é muita boa, ganda nabo. A mulher dele então chamou um táxi e fomos para casa dela. Ela despiu-se logo e eu tive que me despir também, apesar daquilo a princípio me fazer um bocado de impressão. Mas uma gaja maluca como aquela é que eu nunca tinha visto, que não me deixou em paz durante três dias. Entretanto íamos bebendo vodca Pommar ou íamos para a *sauna*. A tipa era tão tarada pela foda que eu não tive hipótese. Um gajo tem que ver bem estas coisas, para que não se diga por aí que ele não dá conta do recado, que é o tipo de coisas que as gajas sabem logo todas, e é um instante enquanto um gajo fica cortado para elas. Basta um gajo ficar uma vez em baixo, e lá fica a reputação dele na merda, aí é que as pode esquecer para sempre. Pois, por isso eu tive que tratar dela, mas deu-me um trabalho do caneco. Como finalmente o Veli chegou, devia ser pra aí sábado de manhã, chegou de táxi, e, claro, tava cuma besana do caraças. “Veli”, disse-lhe eu, “faz-me um favor e fode-a tu, que eu vou para casa.” Assim ele ficou a saber que eu tava completamente arrumado, e achei que era melhor ir a pé para casa, a ver se apanhava ar antes de aparecer